

XIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS E EDUCAÇÃO DA FEUSP

OS OUTROS, OS MESMOS: A ALTERIDADE NO MUNDO ANTIGO

25 a 29 de abril de 2016

SESSÕES DE COMUNICAÇÕES LIVRES

TERÇA-FEIRA, 26.04

10H-12H30

MESA 1

(sala 124, Bloco B)

ARTHUR KLIK DE LIMA – Universidade Federal de Lavras (**coordenador de mesa**)

A função educativa do filósofo no “Fasl al-maqal” de Averróis

RICHARD LAZARINI – Filosofia USP

A noção de ‘eutrapelia’ na filosofia de Tomás de Aquino

WALDIR MOREIRA DE SOUSA JR – Letras USP

Eurípides em Bizâncio: “Christus Patiens” e a formação de um cânone euripídiano

VLADIMIR GONÇALVES DOS SANTOS – FE USP

A presença de Plutarco na Educação Jesuíta

MESA 2

(sala 128, Bloco B)

CHRISTIANE TEODORO CUSTODIO – MAE USP (**coordenadora de mesa**)

O futuro das sociedades antigas na Base Nacional Comum Curricular

MARIA IZABEL CAVALCANTE DA SILVA ALBARRACIN - Universidade de Coimbra

“Edipo Re”, de Pier Paolo Pasolini: uma análise da representação cinematográfica do mito

ERIKA MAYARA PASQUAL – Letras USP

Projeto Minimus - Latim e Grego Antigo no Ensino Fundamental

MESA 3

(Lab_Arte - sala 130, Bloco B)

SHEILA PAULINO E SILVA – Filosofia USP (**coordenadora de mesa**)

Educação como Treino da Inteligência em “A República”

ROBSON GABIONETA – UNICAMP

As convergências entre Sócrates e Protágoras na definição de virtude política no diálogo “Protágoras”

ANA BEATRIZ BARBOSA DE CARVALHO E SILVA – Filosofia USP

LUIZ FERNANDO PEREIRA DE AGUIAR – Ciências Sociais USP

Pode a virtude ser ensinada? Considerações sobre o “Protágoras” de Platão

MESA 4

(sala 147, Bloco B)

TICIANO CURVELO ESTRELA DE LACERDA – Letras USP (**coordenador de mesa**)

O 'Elogio a Timóteo' no discurso "Antídoto" de Isócrates (101-139)

MARCOS EDUARDO MELO DOS SANTOS – Letras USP

SUSANA APARECIDA DA SILVA - PUC-SP

Retóricos versus filósofos: o lugar da filosofia na "Institutio Oratória" de Quintiliano

EDUARDO PEREIRA BATISTA – FE USP

Hannah Arendt absolve Sócrates por não crer nos deuses da cidade?

MESA 5

(sala 149, Bloco B)

RAINER GUGGENBERGER – UFRJ (**coordenador de mesa**)

A releitura das obras éticas e económicas de Xenofonte e Aristóteles em "I libri della famiglia" de Leon Battista Alberti

LIDIANA GARCIA GERALDO - UNICAMP

A "Poética" de Aristóteles: considerações sobre as causas para o surgimento da arte poética

GUILHERME DE FARIA RODRIGUES – Letras USP

A educação pelo outro: os sátiros e o papel pedagógico do coro no drama satírico

QUARTA-FEIRA, 27.04

10H-12H

MESA 6

(sala 124, Bloco B)

GUILHERME DOMINGUES DA MOTTA – PUC-RIO (**coordenador de mesa**)

A educação da classe dos artesãos na "República", de Platão

HENRIQUE GONÇALVES DE PAULA – Filosofia USP

Educação dialética e o retorno do filósofo à caverna na "República" de Platão

JULIANA MICHELLI S. OLIVEIRA – FE USP

Qual é a verdadeira? Jogos da imitação e da criação na representação da realidade

MESA 7

(sala 128, Bloco B)

MARLY DE BARI MATOS – Letras USP (**coordenadora de mesa**)

A educação dos Flávios, segundo a "Vida do Doze Césares" de Suetônio

JÚLIO CÉSAR VITORINO – UFMG

Os modelos pedagógicos de Vitrúvio

RODRIGO ARAÚJO DE LIMA – MAE USP

O povo do púrpura - Uma revisão sobre a visão grega e romana sobre os fenícios

MESA 8

(Lab_Arte - sala 130, Bloco B)

LUPÉRCIO APARECIDO RIZZO – FE USP (**coordenador de mesa**)

A relevância dos clássicos na formação docente atual: um estudo sobre a argumentação

LEONARDO PASSINATO E SILVA – Direito USP

Reflexões sobre a recepção do Direito Romano no ensino jurídico contemporâneo

NANCY MARIA ANTONIETA BRAGA BOMENTRE – UNIFESP

Por que ainda o mito?

MESA 9

(sala 147, Bloco B)

MÔNICA COSTA VITORINO – UFMG (**coordenadora de mesa**)

A presença horaciana no poema “A Termino Sípílio”, de Silva Alvarenga

MAURICIO MASSAHIRO NISHIHATA – Letras USP

A Prosopografia na obra de Manuel de Faria e Sousa

ROBERTA CRIVORNCICA – FE USP

O ‘Eros’ socrático: pensamento e ação em Arendt

MESA 10

(sala 149, Bloco B)

JULIANA FIGUEIRA DA HORA – MAE USP (**coordenadora de mesa**)

As identidades fluidas sob o olhar da materialidade – as “colônias” gregas e as suas múltiplas influências

MARIANA EVANGELISTA – FE USP

Os professores e os outros

LEANDRO SANTOS RESENDE – FE USP

Reflexões sobre a alteridade: o ceticismo pirrônico como ferramenta de abertura à perspectiva do outro

QUINTA-FEIRA, 28.04

10H-12H30

MESA 11

(sala 124, Bloco B)

ADRIANA DIAS DE OLIVEIRA – PUC-SP (**coordenadora de mesa**)

Contribuições dos Clássicos para a compreensão dos desafios educacionais contemporâneos: o caso da autoridade docente

ANA PAULA GOMES DO NASCIMENTO – Letras USP

Projeções da alteridade na “Prosopopéia” de Bento Teixeira

CARLOS EDUARDO DE ARAUJO PLÁCIDO – Letras USP

Pensamento criativo na antiguidade clássica e seus desdobramento na atualidade

LUIZ ANTONIO CALLEGARI COPPI – FE USP

O ridículo que habita em mim habita também no outro: riamos, enfim!

MESA 12

(sala 128, Bloco B)

BÁRBARA DA COSTA E SILVA – Letras USP (**coordenadora da mesa**)

Entre comédia e retórica escolar: o velho avarento nas declamações de Libânio e de Corício

GABRIEL ROSSI – Letras USP

Terêncio, ‘dimidiata Menander’: simples comediógrafo ou grande ‘poeta’?

PAULO CÉSAR DE BRITO TELES JÚNIOR – UFMG

Eurípides: tragediógrafo e educador

MESA 13

(Lab_Arte - sala 130, Bloco B)

BRUNO DRUMOND MELLO SILVA – FE USP (**coordenador de mesa**)

Aristóteles e Platão sobre as mulheres

LEONARDO DIAS AVANÇO – UNESP Presidente Prudente

As relações entre ‘paidia’ e ‘paidéia’ em Platão: comparação entre as interpretações de Werner Wilhelm Jaeger e Johan Huizinga

GEORGE MATIAS DE ALMEIDA JÚNIOR - UFMG

‘Atopía’ e mundos (im)possíveis: do não-lugar da filosofia na ‘pólis’ ao seu lugar no cosmos

MESA 14

(sala 147, Bloco B)

EDSON DA SILVA AFONSO – FE USP (**coordenador de mesa**)

Educação e cuidado-da-alma no diálogo platônico “Primeiro Alcibíades”

CARLOS EDUARDO CASTANHA – FE USP

A Filosofia como modo de vida em Pierre Hadot

DANILO ULHANO PATUTTI - Filosofia USP

Considerações sobre a educação filosófica em Epicteto

XIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS E EDUCAÇÃO DA FEUSP

OS OUTROS, OS MESMOS: A ALTERIDADE NO MUNDO ANTIGO

25 a 29 de abril de 2016

RESUMOS – COMUNICAÇÕES

MESA 1

PROF. DR. ARTHUR KLIK DE LIMA – Universidade Federal de Lavras

A função educativa do filósofo no “Fasl al-maqal” de Averróis

RESUMO: O *Fasl al-maqal*, ou *Discurso Decisivo* de Averróis tem como temática principal analisar o estatuto legal da filosofia, que foi colocada em questão pela tradição de juristas e teólogos, autoridades religiosas que consideram o seu ensino como um desvio do "reto caminho", algo que afastaria os homens de Deus, visto que estes trocariam a verdade contida no Corão pelo discurso filosófico que os levaria ao erro. O parecer jurídico contido nesta obra será contrário a proibição do ensino da filosofia, pois considera que não só o Livro Sagrado recomenda seu estudo, como também que a "reflexão sobre os seres existentes" não levará a outro conhecimento senão ao do próprio criador. Os homens que enxergam tal contradição, somente o fazem por haverem sido mal instruídos, pois a filosofia não afasta os homens da religião, mas revela-lhes um sentido oculto e mais profundo a respeito da religião.

Neste sentido, esta obra não se limita a oferecer uma exposição sobre a concórdia entre filosofia e religião, garantindo a legalidade de seu ensino. Para além disso, compreender tal relação, implicará em posicionar o filósofo em novo patamar no interior do debate, pois a filosofia estará reservada apenas a certos homens que possuem a capacidade para desenvolver tal empreitada. O estudo da filosofia não é para todos os homens, embora todos eles venham a se beneficiar disto, pois adentrar neste espaço restrito trará consigo a responsabilidade de guiar corretamente os homens que não são capazes de compreender o sentido de certas passagens do Corão que estariam reservadas apenas aos homens que se orientam pelo discurso demonstrativo. Assim, este trabalho tem como objetivo analisar o papel educativo do filósofo nesta obra, onde este parece alcançar lugar central no que concerne a interpretação do Livro Sagrado, adquirindo a função social de guiar corretamente os homens simples.

EIXO TEMÁTICO: *Releituras dos clássicos*

E-MAIL: arthurklik@yahoo.com.br

RICHARD LAZARINI (MESTRANDO) – Filosofia FFLCH USP

ORIENTADOR: Prof. Dr. Carlos Eduardo de Oliveira

A noção de ‘entrapelia’ na filosofia de Tomás de Aquino

RESUMO: Em sua “*Ética a Nicômaco*” (*Eth.*, 1. II, c. 7: 1108, a, 24 – 26), o filósofo grego Aristóteles trata duma virtude associada ao lúdico, a qual proporciona o deleite recreativo da alma humana. O pensador medieval Tomás de Aquino (*ST.*, II-II, q. 168, a. 2, *sed contra*), por sua vez, assimila, ao seu sistema filosófico, essa virtude aristotélica denominada *entrapelia*. O homem precisa tanto do repouso corporal para restabelecer-se – pois, por suas forças físicas serem limitadas, não pode trabalhar continuamente –, quanto do relaxamento e deleite – da alma – causados pela *entrapelia*. As atividades recreativas são proporcionadas pela virtude da *entrapelia*. Isso quer dizer que a vida humana, vez ou outra, requer certas atividades recreativas para que a alma possa obter algum deleite. Consoante o aquinista, as palavras e ações, nas quais se procura o deleite, podem ser chamadas de jogos ou brincadeiras. Estas são atividades que, de acordo com a ocasião e o lugar, coadunam pessoas, possibilitando o deleite e o relaxamento de suas almas. A *entrapelia* configura-se como uma disposição das capacidades internas – imaginação e razão – em que há certa adequação das imagens às concepções racionais, possibilitando haver um jogo desinteressado entre as imagens, de um lado, e a lógica dos conceitos, de outro. Diante disso, sublinhamos que o objetivo de nossa comunicação será o de perscrutar não apenas a recepção, feita pelo aquinista, da noção aristotélica de *entrapelia*, mas também o de investigar as disposições das capacidades internas da alma humana que permitem haver a virtude da *entrapelia*, pois é por esta que a atividade lúdica torna-se necessária ao homem, trazendo consequente repouso e deleite à sua alma.

EIXO TEMÁTICO: *Releituras dos clássicos*

E-MAIL: richardlazarini1986@hotmail.com

WALDIR MOREIRA DE SOUSA JR (DOUTORANDO) – DLCV FFLCH USP

ORIENTADORA: Profa. Dra. Adriane da Silva Duarte

Eurípides em Bizâncio: “Christus Patiens” e a formação de um cânone eurípidiano

RESUMO: Qual a relação entre Eurípides, tragediógrafo oriundo de uma sociedade politeísta do século V AEC, e o Império Bizantino cristão da Idade Média? Esta comunicação pretende estabelecer uma aproximação entre a obra trágica de Eurípides e a tragédia *Christus Patiens*, que pode ser elencada como uma das principais manifestações literárias bizantinas de recepção da obra daquele poeta. Composta na forma de *cento*, *Christus Patiens* se vale de muitos trechos de peças como *Hipólito*, *Medeia*, *As Bacantes*, *Hécuba* e *As Troianas* para construir suas personagens e sua ação dramática. Embora essa tragédia já tenha sido atribuída a Gregório de Nazianzo, teólogo cristão e Patriarca de Constantinopla do século IV, estudos recentes têm concordado em situá-la como proveniente das letras bizantinas dos séculos XI ou XII. Argumentarei em minha exposição que, a partir da construção de uma personagem em específico, a saber, Maria, mãe de Cristo, é possível entrever quais tragédias do repertório eurípidiano poderiam figurar como canônicas à época, uma vez que se verifica em alguns casos um nítido contraste entre o caráter cristão e o discurso “pagão” dessa personagem. À determinada altura do primeiro episódio, por exemplo, ela se exprime chamando pela “Terra mãe” e pelo “Sol” (267), invocações tipicamente “pagãs” que destoam do status religioso que o cristianismo atribui a ela, status esse que mesmo a peça endossa em seu enredo (560-7; 598-9). Ao mesmo tempo, notamos aí um caso claro da presença de Eurípides em *Christus Patiens*, pois esse verso pertence, na verdade, à peça *Hipólito* (601-2). Essa supressão do rigor teológico nos discursos de Maria, a meu ver, torna-se possível quando existem por trás dela convenções literárias já bem estabelecidas, nesse caso, representadas pelas obras do tragediógrafo ateniense.

EIXO TEMÁTICO: *Releituras dos clássicos*

E-MAIL: wsousajr@yahoo.com

VLADIMIR GONÇALVES DOS SANTOS (MESTRANDO) – EDF FE USP

ORIENTADOR: Prof. Dr. Marcos Sidnei Pagotto-Euzebio

A presença de Plutarco na Educação Jesuíta

RESUMO: A obra plutarquiiana caminha lado a lado com a história da Europa. O eclético pensador grego é mesmo nominado Educador da Europa. Durante o longo percurso de disseminação dos textos de Plutarco, seu pensamento e ideias adentraram os muros dos colégios administrados pela Companhia de Jesus e lá reverberaram ainda mais, transpondo os limites da Europa, juntamente com as missões jesuíticas. O estudo dos pensadores antigos nos colégios da Companhia de Jesus era prática corrente - como em quase todas as instituições de ensino durante o período renascentista. O humanismo renascentista tentava empreender o resgate da cultura e educação clássica, resgatando os autores antigos para dar nova vida aos seus ideais e pensamentos: neste sentido, os jesuítas se tornaram verdadeiros herdeiros do humanismo clássico, fundando os seus Colégios de Humanidades. No entanto, os mestres jesuítas utilizavam os autores clássicos a partir de um método peculiar que envolvia seleção, correção e mesmo omissão de trechos da obra do autor estudado: seguindo a tradição da homília de São Basílio sobre o modo de tirar bom proveito da literatura pagã, os jesuítas desenvolveram um critério de seleção dos textos que chegou a ser considerado como o critério da própria Igreja Católica. O presente trabalho pretende analisar a presença de Plutarco nos colégios jesuítas e os usos dos seus escritos na atividade diária de ensino: assim, discutir o processo de escolha das obras, seleção dos trechos e as motivações dos educadores em tais escolhas.

EIXO TEMÁTICO: *Releituras dos clássicos*

E-MAIL: vladimirlachance@hotmail.com

CHRISTIANE TEODORO CUSTODIO (DOUTORANDA) – MAE USP
ORIENTADORA: Profa. Dra. Elaine Farias Veloso Hirata

O futuro das sociedades antigas na Base Nacional Comum Curricular

RESUMO: O visível aumento do interesse nos estudos de contato cultural e identidade no âmbito da arqueologia mediterrânica é, sobretudo, um exercício de descentramento e, a nosso ver, tangencia uma preocupação que também está presente nas propostas preliminares da Base Nacional Comum Curricular. Um dos vetores desta mudança está alicerçado no aporte da literatura Pós-Colonial, bem como nas questões colocadas pela Pós-Modernidade, especialmente a necessidade de se conhecer os múltiplos componentes humanos em termos de categorias como pertencimento/exclusão. Noções estanques de centro x periferia, metropolitano x colonial, puro x híbrido têm sido problematizadas à luz de um novo olhar sobre a evidência arqueológica; concomitantemente opera-se a busca e o refinamento de novas teorias e novas metodologias que permitam alcançar interpretações alternativas sobre temas já tratados por uma arqueologia e historiografia tradicional. Paralelamente, uma parcela da sociedade brasileira está mobilizada no debate sobre a Base Nacional Comum Curricular, seus conteúdos, objetivos e impasses. A partir de nossos estudos em antiguidade grega que abrangem questões relativas a mobilidade da sociedade grega em área mediterrânica, contatos culturais e sociomorfogênese de cidades, abordaremos como tais temas constituem elementos que permitem encaminhar uma discussão sobre novos temas e novas abordagens didáticas dos conteúdos da antiguidade clássica grega consoante os objetivos de formação dos estudantes postulados na Base Nacional Comum Curricular, problematizando seus eixos temáticos e as propostas que estão sendo encaminhadas por diversos setores da sociedade que defendem uma Base Nacional Comum Curricular com escopo espaço-temporal que possa abranger o ensino dos conteúdos sobre as sociedades antigas.

EIXO TEMÁTICO: *Estudos Clássicos e Educação*

E-MAIL: christianeteodoro@yahoo.com.br

MARIA IZABEL CAVALCANTE DA SILVA ALBARRACIN (MESTRE) - Universidade de Coimbra
ORIENTADORA: Profa. Dra. Maria do Céu Grácio Zambujo Fialho

“Edipo Re”, de Pier Paolo Pasolini: uma análise da representação cinematográfica do mito

RESUMO: O mito de Édipo é muito antigo, e também um dos mais revisitados da Antiguidade Clássica. Através do filme *Edipo Re*, de Pier Paolo Pasolini, ganhou uma nova versão. A proposta do trabalho foi analisar a representação cinematográfica do mito edípico no filme *Edipo Re*, de Pier Paolo Pasolini (1967), delimitando a presença da inspiração trágica sofocliana e da teoria psicanalítica freudiana, identificando aspectos particulares a esta versão do mito. Para tanto, discutimos brevemente alguns pontos fundamentais para a análise do filme de Pasolini presentes na teoria psicanalítica de Freud e na teoria estruturalista de Lévi-Strauss. Tendo delimitado nosso objeto de estudo e os aspectos teóricos que serviriam como pilares para a análise do filme, partimos então para a execução da análise a que nos propusemos. Nosso propósito era o de analisar o filme em questão, delimitando a presença da inspiração trágica sofocliana e da teoria psicanalítica freudiana, enquanto identificávamos aspectos particulares a esta versão do mito e que mereciam destaque. Além da clara divisão entre a parcela autobiográfica (prólogo e epílogo) e a parcela onírica, a subdivisão da parcela onírica permitiu a clara identificação da tragédia sofocliana no filme de Pasolini. Através dessa apropriação pessoal do mito, por parte de Pasolini, que nos abre uma paisagem de conflitos biográficos, *Edipo Re* mantém, todavia, uma dimensão de universalidade, através dos conflitos na ação. Fossem eles externos ou internos, de ontem ou de hoje, eles predominaram em cada aspecto da elaboração do filme. Pasolini nos convidou a compartilhar de sua inquietude, a olhar através de seus olhos, a refletir com ele sobre aquilo que atiramos ao abismo.

EIXO TEMÁTICO: *Releituras dos Clássicos*

E-MAIL: mizabel@usp.br

ERIKA MAYARA PASQUAL (MESTRANDA) – DLCV FFLCH USP
ORIENTADORA: Profa. Dra. Paula da Cunha Corrêa

Projeto Minimus - Latim e Grego Antigo no Ensino Fundamental

RESUMO: O projeto visa introduzir, continuando o trabalho realizado desde fevereiro de 2013, o estudo do latim e do grego, respectivamente no 6º e 4º ano do Ensino Fundamental, na grade curricular da EMEF Desembargador Amorim Lima. Pesquisas realizadas desde 1920 nos EEUU comprovam a eficácia do estudo do latim e do grego como forma de aperfeiçoar a proficiência dos alunos na língua materna, de facilitar a aprendizagem de outras línguas estrangeiras e de desenvolver o raciocínio lógico e o pensamento crítico (DeVane, A. K, 1997). Além disso, notou-se uma melhoria na autoestima e motivação desses alunos, provavelmente devido ao melhor desempenho nas matérias básicas (no caso, em inglês e matemática) e por causa da aquisição de noções de cultura clássica, às quais não tinham acesso. Por conseguinte, os resultados foram altamente positivos, de modo que a Diretora da escola solicitou a continuidade do projeto. Alguns professores, estimulados por seus alunos, também quiseram ter aulas de grego e latim, pois as crianças demonstraram tamanho interesse e entusiasmo pela aprendizagem das línguas que algumas pediram para dar continuidade aos seus estudos de grego e latim.

Portanto, o Projeto Minimus visa ministrar aulas de língua grega e latina, duas vezes por semana durante o período de um ano letivo e, ao mesmo tempo, oferecer aulas para os professores da EMEF, assim como Grego II e Latim II para os alunos do 5ª e 7ª/8ª anos que porventura quiserem continuar os seus estudos das línguas grega e latina. Por fim, o Projeto inclui aulas "especiais", ministradas por docentes da FFLCH, sobre mitos, o teatro, a filosofia, a historiografia, a épica e a lírica da antiguidade clássica. Essas aulas oferecerão aos alunos uma introdução à mitologia e aos diversos gêneros literários, aos autores e às obras clássicas, ampliando os seus horizontes culturais e, ao mesmo tempo, motivando a aprendizagem das línguas clássicas.

EIXO TEMÁTICO: *Estudos Clássicos e Educação*

E-MAIL: erika.pasqual@usp.br

MESA 3

PROFA. DRA. **SHEILA PAULINO E SILVA** – Filosofia FFLCH USP

ORIENTADOR: Prof. Dr. Roberto Bolzani Filho

Educação como Treino da Inteligência em “A República”

RESUMO: A *paideia* mostra o pensamento em dois aspectos: como a capacidade de cognição e como faculdade do aprendizado (Rep. 518c). A argumentação se refere à preparação necessária que antecede à apreensão das ideias, ou seja, mostra a condução da alma na direção do inteligível, ação que constitui o aprendizado e a mais alta cognição. O movimento induzido pelo pedagogo consiste em voltar (Rep. 518c7,9) a alma para a contemplação do ser e da sua inteligibilidade, tal como se viu na Alegoria da Caverna, o que exige um treinamento de modo a deixá-la apta para o conhecimento (Rep. 518c8-d1). A educação será dada como a arte de mover a alma fazendo com que ela mude de direção (*metástropho*) e contemple o Bem. Um dos importantes aspectos do pensamento que ganha ênfase na descrição da educação diz respeito à possibilidade de exercício e orientação da capacidade cognitiva. Ao verificar no argumento do Livro VII de *A República* como é dada a atividade intelectual e por quais meios é possível mobilizá-la, observa-se que nesse contexto se tem em vista o pensar ao modo do exercício por meio do qual a alma se volta para os inteligíveis a partir daquilo que ela própria dispõe. O desenrolar da capacidade e das atividades intelectuais da alma, as quais se serve do método dialético para as suas operações (Liv. VII), tem seu desenvolvimento a partir do estímulo dado pela arte de orientar do pedagogo. Do mesmo modo, como característica da alma, a faculdade do pensamento no seu modo excelente, ou mais alto (*phronesis*), também vinculado à aquisição das virtudes, resulta da boa orientação que lhe é dada. Haja vista a concepção de alta inteligência que o diálogo sugere e a proposta de um método específico para adquiri-la, cabe compreender as minúcias da orientação paidéutica. Pretende-se averiguar o modelo de alta inteligência na educação à maneira filosófica e as operações intelectuais envolvidas nessa orientação da *paideia*.

EIXO TEMÁTICO: *Estudos Clássicos e Educação*

E-MAIL: sheila_paulino@yahoo.com.br

ROBSON GABIONETA (MESTRE) – UNICAMP

As convergências entre Sócrates e Protágoras na definição de virtude política no diálogo “Protágoras”

RESUMO: Pensamos que o diálogo *Protágoras* de Platão ainda pode ajudar-nos a pensar sobre as virtudes (qualidades) que nos permitem viver numa cidade. Para tanto, diferentemente do que apontam a maioria dos comentadores que se concentram nas divergências entre Sócrates e Protágoras, vamos procurar as convergências e, a partir deles, apresentar os pontos que pensamos serem fundamentais para a continuidade dessa antiga instituição. Em primeiro lugar, Protágoras é

muito claro no mito: sem o pudor e a justiça não há cidade (322c). Já no grande discurso, o sofista completa: “ninguém pode se furtar de não aprender e ensinar a virtude, seja criança, jovem ou velho”. Sócrates por sua vez, na análise que faz do poema de Simônides, complementa o pensamento de Protágoras: “o homem virtuoso não consegue sê-lo por todo o tempo, por isso, precisa constantemente que as pessoas critiquem suas (as duas) atitudes”. Pensamos, portanto, que as falas de Sócrates e Protágoras, não se anulam, mas ao contrário, se completam no tratamento desse tema.

EIXO TEMÁTICO: *Estudos Clássicos e Educação*

E-MAIL: robsongabioneta@yahoo.com.br

ANA BEATRIZ BARBOSA DE CARVALHO E SILVA (MESTRANDA) – Filosofia FFLCH USP

ORIENTADOR: Prof. Dr. Marco Antônio de Ávila Zingano

LUIZ FERNANDO PEREIRA DE AGUIAR (BACHAREL) – Ciências Sociais FFLCH USP

Pode a virtude ser ensinada? Considerações sobre o “Protágoras” de Platão

RESUMO: Em 318b Protágoras, sofista estrangeiro que está de visita em Atenas, promete à Hipócrates, jovem que que o procura, que se este vier a estudar com ele, ele virá a ser a cada dia melhor, na medida que seus alunos aprendem “uma deliberação sábia; tanto nos assuntos domésticos –como administrar uma propriedade– como também nos assuntos públicos –como fazer alguém perceber os seus potenciais máximos, em debates políticos e na ação” (319 a). A tais assuntos Sócrates nomeia como ‘arte da cidadania’, e, questionando se ela de fato é uma arte (τέχνη), já que ela ‘nunca pensou que poderia ser ensinada’ (319b) como as demais artes. Mas, em 319e Sócrates parece generalizar tal proposição afirmando que “o mais sábio e o melhor de nossos cidadãos são incapazes de transmitir aos outros as virtudes que eles possuem” (319e). Ele manterá esta posição durante largo tempo, enquanto Protágoras, por outro lado, defenderá que as virtudes são nutridas na alma, uma vez que ele próprio se pretende educador em tal assunto. Entretanto, ao final do diálogo, após Sócrates postular sua posição sobre a unidade das virtudes e a subsequente redução de todas as virtudes como espécimes de conhecimentos, parece impossível que ele ainda mantenha tal posição. Sócrates, em 361b, afirma que se a discussão deles tivesse voz própria, ela diria: “Sócrates, você disse antes que a virtude não pode ser ensinada, mas agora você argumenta o contrário e tem tentado mostrar que tudo é conhecimento –justiça, temperança, coragem –em cada caso a virtude parece ser eminentemente ensinável” (361b). Nosso argumento é que essa mudança de posição só é possível por duas estratégias adotadas pelo próprio Sócrates no decorrer do diálogo; a saber: a redução de todas as virtudes ao conhecimento e a analogia com as técnicas artesanais (τέχναι), que demonstraremos através da reconstrução de tais argumentos. Ademais, na análise do poema de Simônides, em especial entre 342b – 343 a, Sócrates toma como exemplo da possibilidade da ‘melhor educação em filosófica e em debate’ (πρὸς φιλοσοφίαν καὶ λόγους ἄριστα πεπαιδευνται, 342d), aquelas dos cretenses e lacedemônios.

EIXO TEMÁTICO: *Estudos Clássicos e Educação*

E-MAILS: ana.barbosa.silva@usp.br / luis.aguiar@usp.br

MESA 4

TICIANO CURVELO ESTRELA DE LACERDA (DOUTORANDO) – DLCV FFLCH USP

ORIENTADOR: Prof. Dr. Daniel Rossi Nunes Lopes

O ‘Elogio a Timóteo’ no discurso “Antídose” de Isócrates (101-139)

RESUMO: Após o próêmio do *Antídose*, na primeira metade deste discurso (parágrafos 30-166), Isócrates pretende refutar as acusações de Lisímaco, baseadas em duas críticas principais: “ele diz que eu (1) corrompo os mais jovens por (2) ensiná-los a falar e a levar vantagem nos litígios injustamente” – parágrafo 30. Quanto à primeira parte da acusação, o autor se defende, entre os parágrafos 84 e 100, discorrendo particularmente sobre como se dava sua relação com seus discípulos, o modo como em partes sua escola funcionava, além de citar alguns de seus discípulos mais proeminentes, sujeitos que não se tornaram corruptos, mas que, ao contrário, foram coroados pela cidade, despendiam grande parte de seus recursos particulares em benefício de Atenas, e eram considerados homens nobres e bons (93-4). Assim, o autor seguirá refutando a acusação de Lisímaco até o centésimo parágrafo, demonstrando, de forma geral, que ele não corrompe os mais jovens, mas, em verdade, contribui para a formação moral e intelectual de seus discípulos. No entanto, a partir do parágrafo 101, inicia-se uma nova seção do *Antídose*, objeto de estudo desta apresentação. Isócrates ali interrompe o tom de seu discurso,

suspendendo a generalidade da defesa de seus discípulos, para destacar aquele que fora o mais proeminente deles: o já falecido general Timóteo. A partir desse ponto, até o parágrafo 139, o autor compõe um “Elogio a Timóteo”, como forma de defesa ainda mais categórica contra a acusação de Lisímaco sobre a corrupção dos discípulos isocráticos, posto que aquele general é aqui representado, em síntese, como o maior responsável pelas benfeitorias já realizadas em nome de Atenas. Esta comunicação apresentará uma breve análise sobre esse encômio a Timóteo no discurso *Antídose*, verificando dois aspectos principais: (i) o fenômeno da inserção de um discurso epidítico em outro judiciário e (ii) a projeção do *ēthos* de Isócrates sobre o general Timóteo.

EIXO TEMÁTICO: *Estudos Clássicos e Educação*

E-MAIL: ticiano_cl@bol.com.br

MARCOS EDUARDO MELO DOS SANTOS (MESTRE) – DLCV FFLCH USP

ORIENTADORA: Profa. Dra. Elaine Cristine Satorelli

SUSANA APARECIDA DA SILVA (MESTRE) - PUC-SP

Retóricos versus filósofos: o lugar da filosofia na “Institutio Oratória” de Quintiliano

RESUMO: As cinquenta e cinco ocorrências do termo *philosophia* ou *philosophus* na *Institutio Oratoria* de Quintiliano evocam a relevância do estudo da relação entre a filosofia e a oratória no sistema educacional descrito por Quintiliano. Em muitas destas ocorrências, verifica-se uma constante oposição. A filosofia é entendida simultaneamente como uma fonte de autores para a invenção devido à produção de argumentos sutis e pertinentes (II, 20,5) e como um dos últimos estágios da formação oratória romana. Contudo, a filosofia parece ocupar um lugar secundário, uma vez que, Quintiliano também (II, XVI, 12-17) expressa categoricamente que não é a razão (*ratio*), entendida como faculdade intelectual, mas sim a capacidade de falar (*dicendi facultas*) como a propriedade específica do gênero humano em relação aos animais que se caracterizam pela carência da palavra (*quia carent sermone*). Pinto (2010:83) afirma que “o pouco interesse de Quintiliano pela filosofia não se deve apenas às circunstâncias políticas de sua época, tendo em vista que os estudos filosóficos jamais suplantaram a educação romana tradicional, pouco ou nada interessada em discussões de caráter puramente teórico e antes preocupada com a preparação prática do jovem para a vida pública”. De modo que existe uma espécie de sobreposição da retórica sobre a filosofia em Quintiliano. Mas a finalidade da retórica se justifica pelo conceito filosófico de bem ao determinar que o orado cumpra seu propósito justamente quando se configura como o *vir bonus* inteiramente comprometido com o bem (II, XV, 34; II, XV, 11 e 15, 14). Logo no *proemium*, Quintiliano (I, 15-16) levanta a hipótese de que os filósofos teriam contrariado a bondade e a própria filosofia através da prática de costumes péssimos (*pessimis moribus*). Os filósofos são equiparados, por exemplo, aos homens mais depravados (*male utuntur grauissima*). Embora Quintiliano também afirme a necessidade dos princípios filosóficos para o exercício da atividade oratória, não esquece de afirmar os princípios da bondade como próprios da oratória e não da filosofia (I, 2,10). Ademais, a oposição entre os filósofos e os retóricos dá-se na escolha do público-alvo ou nos destinatários do discurso: os ensinamentos em linguagem filosófica, embora sutis e pertinentes, não são por assim dizer acessíveis e pedagógicos devida a falta de sabor com a qual são transmitidos a ponto de que alguns, como Lucrécio, preferiam a poesia para transmitir seus argumentos (III, 1,4) pois, a finalidade dos filósofos difere dos retóricos uma vez que estes procuram a verdade em disputa com doutos dialéticos e aqueles a transmissão de um conteúdo a uma plateia muitas vezes ignorante. O presente trabalho visa justamente analisar e discutir esta oposição da filosofia e da retórica através dos termos *philosophia* a fim de averiguar se o lugar da filosofia na oratória de Quintiliano seria secundário ou mesmo desnecessário.

EIXO TEMÁTICO: *Estudos Clássicos e Educação*

E-MAIL: marcos.eduardo.santos@usp.br

EDUARDO PEREIRA BATISTA (DOUTORANDO) – EDF FE USP

ORIENTADOR: Prof. Dr. José Sérgio Carvalho da Fonseca

Hannah Arendt absolve Sócrates por não crer nos deuses da cidade?

RESUMO: Para Hannah Arendt, a tradição do pensamento político está fundada em uma constelação histórica específica, a saber, o julgamento e condenação de Sócrates, que, a partir da compreensão platônica destes acontecimentos, inaugura o abismo entre filosofia e política. No entanto, para Arendt, a despeito da questão de um Sócrates histórico, pode-se distinguir Platão de seu mestre, tendo em vista, por exemplo, a oposição platônica entre verdade (*alētheia*) e opinião (*dóxa*). Por outro lado, ao delimitar a figura de Sócrates como um *exemplum* na tradição do pensamento político, Arendt é criticada por não considerar a relação de Sócrates com a divindade. Neste sentido, nosso trabalho tem como objetivo apresentar as críticas de David Corey sobre a concepção de uma cidadania socrática “meramente secular”, defendida por

teóricos políticos contemporâneos, entre os quais Arendt está incluída, e em que medida esta crítica pode vir a comprometer a análise arendtiana sobre a figura de Sócrates.

EIXO TEMÁTICO: *A atualidade do pensamento antigo*

E-MAIL: eduardobatista@usp.br

MESA 5

PROF. DR. RAINER GUGGENBERGER – UFRJ

*A releitura das obras éticas e económicas de Xenofonte e Aristóteles em
"I libri della famiglia" de Leon Battista Alberti*

RESUMO: Leon Battista Alberti, humanista e gênio universal do início do Renascimento italiano, não escreveu somente uma obra-prima no âmbito da arquitetura (*De re aedificatoria*) sendo um dos protagonistas do planejamento arquitetônico na Itália do século quinze, mas é também autor de uma obra em italiano (*volgare*) chamado *I libri della famiglia*.

Nesta obra que consiste de 4 livros e um prefácio, escritos entre 1433 e 1440 (e redescobertos somente no século dezenove), Alberti conta a história literalizada da própria estirpe. Ele apresenta os seus avôs e tios como eles discutem sobre assuntos éticos e práticos, com o objetivo de mostrar como bem se administra a casa e como se vive uma vida bem-sucedida, sem cair em desgraça. Fala-se dentre outros sobre o casamento, a família em geral e as suas relações sociais, a educação dos filhos e a gestão do patrimônio. Alberti quer mostrar (sobretudo para os jovens homens que mais tarde tornar-se-ão maridos e pais) o caminho para realizar e segurar o bem estar da família. Nos aspectos econômicos da vida familiar e a respeito do casamento Alberti baseia-se fortemente no *Oikonomikos* de Xenofonte e quando aborda a amizade ele faz repetitivamente referências às éticas de Aristóteles.

A minha comunicação quer apresentar as passagens de Alberti, nas quais ele busca ajuda nos textos dos autores antigos.

Vamos ver o texto italiano como também as respectivas passagens em grego acompanhados de uma tradução portuguesa. As obras latinas que influenciaram *I libri della famiglia*, p.ex. de Marco Porcio Cato, não farão parte desta análise.

EIXO TEMÁTICO: *Releituras dos Clássicos*

E-MAIL: rainer@letras.ufri.br

LIDIANA GARCIA GERALDO (MESTRANDA) – IEL UNICAMP

ORIENTADOR: Prof. Dr. Flávio Ribeiro de Oliveira

A "Poética" de Aristóteles: considerações sobre as causas para o surgimento da arte poética

RESUMO: O trabalho proposto tem por objetivo analisar as passagens 1448b 4 a 1449a 5 da seção IV, da *Poética*, de Aristóteles, nas quais o filósofo projeta a sua teoria sobre a origem e desenvolvimento da arte poética, procurando demonstrar as causas que levaram ao seu surgimento. A seção IV, da *Poética*, se constitui num compêndio do pensamento aristotélico sobre as possíveis causas que geraram e desenvolveram a poesia dramática como tal.

Para a análise das passagens, utilizou-se a principal bibliografia que traduziu e estudou tal obra, e que investigou a teoria de Aristóteles acerca das possíveis origens da poesia dramática. Nessa bibliografia, salientam-se os estudos interpretativos de Else (1957; 1967), Halliwell (1987), Lord (1972), Pickard-Cambridge (1927) e Lesky (1996a, 1996b, 1985). A tradução da *Poética*, utilizada neste trabalho, é de Pinheiro (2015).

EIXO TEMÁTICO: *Releituras dos Clássicos*

E-MAIL: garcia.lidiana@yahoo.com.br

GUILHERME DE FARIA RODRIGUES (MESTRANDO) – DLCV FFLCH USP

ORIENTADOR: Prof. Dr. Christian Werner

A educação pelo outro: os sátiros e o papel pedagógico do coro no drama satírico

RESUMO: Mastronarde em seu livro *The art of Euripides* (2010) argumenta como a voz do coro dramático pode se alterar de uma posição *intradramática* de um grupo de uma identidade e status ficcional específica e com motivações psicológicas plausíveis para respostas emocionais imediatas à ação dramática para a posição *extradramática* de uma voz coletiva menos ligada a uma identidade específica, ficando mais alheia à ação. Assim há uma diferenciação que o estudioso faz das relações *verticais* e *horizontais* que o coro estabelece: a primeira referente à comunicação entre o coro e os seres sobre-humanos; a segunda, à comunicação entre os coreutas e os espectadores do teatro.

Neste sentido, a intenção desta comunicação é elaborar como o drama satírico se ocupa de certa função didática. O coro, neste caso, é particular, diferente da tragédia, pois dele fazia parte não um grupo de cidadãos comuns, mas sim um de figuras semidivinas: os sátiros. Tais se caracterizam no séc. V como servos do deus Dioniso, descritos com uma forma híbrida de homens e cavalos. Os sátiros, conectados desta maneira com o deus Baco, personificariam o mundo dionisíaco em todas as suas facetas, apesar de também possuírem características de sábios. A partir da análise do coro e de sua representação e função, pretendo argumentar como o drama satírico também apresentava um paradigma pedagógico para os espectadores, já que evocava valores morais e cívicos, contudo por meio do contraste de ações. Neste estudo, apresentarei foco especial em *O ciclope*, drama satírico completo de Eurípides, mas também, quando conveniente, farei referência aos dramas satíricos de Sófocles e Ésquilo. Acredito que, com essa comunicação, possa-se abrir a discussão para a possibilidade de o coro satírico ser interpretado como esse paradigma negativo de comportamento, mas que, ao mesmo tempo, valoriza o senso de comunidade da Grécia Clássica juntamente com valores rurais arcaicos supostamente mais distantes na segunda metade do séc. V na Ática.

EIXO TEMÁTICO: *Estudos Clássicos e Educação*

E-MAIL: guilhermefr.iel@usp.br

MESA 6

PROF. DR. **GUILHERME DOMINGUES DA MOTTA** – PUC-RIO / Universidade Católica de Petrópolis

A educação da classe dos artesãos na “República”, de Platão

RESUMO: Embora a maioria dos comentadores, implícita ou explicitamente, exclua a classe dos artesãos mesmo da primeira etapa da educação proposta para a cidade que se constrói no *lógos* na *República*, de Platão, a que se dá pela *mousiké* e *gymnastiké*, essa etapa da educação deve ser considerada como extensiva a todas as classes da cidade se se quer que a obra não resulte incoerente numa medida inaceitável. A predominância da interpretação segundo a qual a primeira etapa da educação exclui os artesãos se dá principalmente pela falta de menção explícita à sua extensão a essa classe, mas também porque essa extensão parece ser contraditória com uma série de passagens da obra que parecem implicar o contrário. Porém, essas passagens aparentemente problemáticas podem ser perfeitamente integradas à interpretação segundo a qual a primeira etapa da educação se estende, implicitamente, a todas as classes se se segue um método de interpretação que parte de três pressupostos fundamentais: o primeiro, é o de considerar que na *República* Platão faz uso de antecipações: a apresentação de elementos apenas insinuados ou sugeridos que serão mais tarde explicitados e esclarecidos dentro da mesma obra; o segundo é a consideração de que certas teses mesmo não afirmadas explicitamente podem emergir da compreensão do todo da obra principalmente se se considera que uma passagem posterior pode lançar luz, esclarecer, ampliar o sentido, revisar ou mesmo modificar o que foi afirmado em uma passagem anterior, o que coloca em nova perspectiva o todo; o terceiro, que o próprio autor sugere que se considere, consiste em reconhecer que quando se aceita que estão presentes certas instituições ou característica no comportamento dos cidadãos (no caso específico da cidade construída com o *lógos* as virtudes identificadas na cidade e o modo de vida descrito), então suas condições de possibilidade também devem estar presentes, sendo a extensão da educação uma delas.

EIXO TEMÁTICO: *Estudos Clássicos e Educação*

E-MAIL: gmotta427@gmail.com

HENRIQUE GONÇALVES DE PAULA (DOUTORANDO) – Filosofia FFLCH USP

ORIENTADOR: Prof. Dr. Roberto Bolzani Filho

Educação dialética e o retorno do filósofo à caverna na “República” de Platão

RESUMO: A famosa Imagem da Caverna, apresentada no livro VII da *República*, figura na literatura especializada sobre Platão, como uma fonte de diversos problemas interpretativos do sentido geral do argumento da obra, destacando-se aí o problema do retorno do filósofo à caverna. O fato de Platão dizer, pouco depois da imagem, que os filósofos deverão ser constringidos a retornar à caverna para libertar os prisioneiros, levou diversos comentadores a questionar a pertinência de

diversos pontos de seu projeto educativo aos filósofos. O problema, neste caso, parece ser a possibilidade de que, com esta recomendação, se reconheça que a contemplação do Bem – última etapa do projeto educativo platônico exposto na obra – não seja suficiente para que os filósofos reconheçam a justiça da requisição de que governem. A dialética, porém, derradeiro estágio dos estudos formadores dos filósofos, que conduz ao conhecimento do Bem, atua, de acordo com o argumento central da obra, como condição suficiente para a atribuição da liderança política aos filósofos. Pretendo expor, em minha apresentação, de que modo alguns elementos textuais do final do livro VII da *República*, em que Platão retoma considerações sobre as etapas de seu projeto educativo, podem sugerir uma interpretação diferente do problema do retorno do filósofo à caverna, trazendo à tona outra dificuldade clássica do argumento de Platão: a natureza da dialética. Argumentarei que os filósofos que devem ser forçados a voltar para a caverna não são os indivíduos plenamente formados na filosofia – são, antes, ainda meros educandos da cidade, que não perfizeram todos os estudos que podemos chamar de dialéticos no projeto pedagógico platônico, o que exigirá de minha parte demonstração de que há pelo menos duas etapas no treino dialético do filósofo: uma que os candidatos a filósofos da *kallipolis* desenvolvem entre trinta e trinta e cinco anos de idade, e outra que executam após os quinze anos de atividades militares e práticas a que são submetidos na cidade, e que os conduz ao momento decisivo em que, finalmente, aos cinquenta anos de idade, concretizam a contemplação do Bem. Desenvolverei tal argumento retomando elementos da caracterização da dialética na Imagem da Linha e da Caverna, bem como dos trechos finais do livro VII da *República*.

EIXO TEMÁTICO: *Estudos Clássicos e Educação*

E-MAIL: henrigonpa@yahoo.com.br

JULIANA MICHELLI S. OLIVEIRA (DOUTORANDA) – EDA FE USP
ORIENTADOR: Prof. Dr. Rogério de Almeida

Qual é a verdadeira? Jogos da imitação e da criação na representação da realidade

RESUMO: A presente comunicação tem por objetivo apresentar um estudo exploratório sobre os referenciais de imitação na literatura ocidental. O ponto de partida para a reflexão foi a análise do poema em prosa “Qual é a verdadeira? A Ideal e a Real”, da obra *Spleen de Paris*, de Charles Baudelaire, seguida de um breve estudo sobre a noção de *mimesis* e os referenciais de imitação no livro X de *A República* de Platão, na *Poética* de Aristóteles e na *Doutrina da arte* de Schlegel. O poema de Baudelaire parece abordar importantes questões da representação da realidade na tradição clássica e na modernidade e condensa importantes temas da estética baudelaireana, exemplar na mistura de estilos (*Stilmischung*) e no reposicionamento dos objetos de imitação. Buscando elucidar o enigma lançado pelo autor no título do poema, sugere-se que as duas personagens (*os outros*) com as quais o eu lírico dialoga – uma morta e um espectro que surge da tumba da morta – são alegorias da forma poética clássica e da forma poética moderna. Os atributos das personagens se relacionam às características dessas formas poéticas, uma antiga e idealizada, que remete à formação da noção de *mimesis* e uma moderna, que parece ser um desdobramento da *mimesis* romântica. No jogo de alegorias constituído pelo autor, o eu lírico enuncia as questões concernentes à própria prática de escritura (*o mesmo*), evidenciando como sua proposta dialoga com a tradição poética. No final de sua narrativa poética, ao ver-se preso na própria armadilha que criou, o poeta fornece ao leitor pistas para solução do enigma oracular, de maneira similar à deidade apolínea.

EIXO TEMÁTICO: *A atualidade do pensamento antigo*

E-MAIL: jumioliveira@gmail.com

MESA 7

PROFA. DRA. MARLY DE BARI MATOS – DLCV FFLCH USP

A educação dos Flávios, segundo a “Vida do Doze Césares” de Suetônio

RESUMO: Segundo as biografias dos imperadores Tito e Domiciano, relatadas por Suetônio, na *Vida dos doze Césares*, os dois herdeiros do poder de Vespasiano dispuseram de modelos educativos diferentes em suas formações.

A formação de Tito, da maneira como é descrita pelo historiador, motiva uma análise profunda sobre a educação na segunda metade do primeiro século do Império. Pelo fato de ter estudado na corte as mesmas disciplinas que Britânico, infere-se que tinha um grande número de tutores. A educação do jovem Tito é um exemplo da alta condição adquirida pelo *sistema tutorial de ensino* durante o Império. Nesse período, mais precisamente na segunda metade do século I d.C., essa prática, que fez parte da tradição educativa romana, ganhou proeminência por meio de personalidades como Sêneca, preceptor de Nero, e Quintiliano, tutor de Domiciano.

A educação de Domiciano, por sua vez, se não foi negligenciada, não transcorreu com a grandeza com que se dera a de seu irmão. Segundo o biógrafo (Suet., *Dom.*, 1), o jovem teria passado a puberdade e a adolescência em situação de penúria extrema e infâmia, submetendo-se à lascívia de outros homens. No entanto, essas informações sobre a infância miserável

misturam-se a outras que mostram o domínio de Domiciano sobre algumas das artes cujo conhecimento dependia de uma educação rigorosa. É nessa possível contradição que Jones Brian fixa-se para comprovar que o suposto descaso de Vespasiano com a criação do filho mais novo não era verdadeiro. Baseado nas demonstrações de erudição dadas pelo imperador, procura enfatizar a sua habilidade poética e retórica bem como a sua produção escrita.

Se pensarmos de acordo com os preceitos retóricos que regulam o desenvolvimento do gênero demonstrativo dentro da estrutura do relato biográfico, essa contradição flagrada por Jones não parece de todo descabida. Com efeito, os eventos transcorridos antes do nascimento e na infância e na adolescência de um indivíduo deveriam ser determinantes na sua atuação na idade adulta.

Com base nisso, esta comunicação visa discutir as implicações desses dois modelos educativos no desenvolvimento da vida do jovem romano e na inserção dos artifícios retóricos na produção da imagem desses imperadores.

EIXO TEMÁTICO: *Estudos Clássicos e Educação*

E-MAIL: matos.marly@gmail.com

PROF. DR. JÚLIO CÉSAR VITORINO – UFMG

Os modelos pedagógicos de Vitruvius

RESUMO: O programa pedagógico que Vitruvius propõe para a formação do arquiteto constitui um documento importante também para os estudos de História da Educação, e não só na Antiguidade, pois suscitou, ao longo dos séculos, amplos debates.

Autor do único tratado de arquitetura remanescente de uma longa tradição que remonta, pelo menos, à Grécia antiga, ele escreve, em latim, no fim do século I a.C. uma obra enciclopédica que abrange as mais diversas áreas do conhecimento. No entanto, ele não se limita à referência aos conteúdos, pois o ápice da sua apresentação é a discussão de dois modelos formativos: o primeiro se apoia no domínio efetivo e perfeito de todas as disciplinas; o segundo uma formação mais direcionada à excelência apenas no seu próprio domínio profissional. Partindo da discussão do conceito de *enkýklios disciplina*, e relacionando-a à questão análoga que se propõe no *De oratore*, o trabalho pretende abordar a questão da formação escolar tal como se manifesta no texto vitruviano e na sua recepção posterior.

EIXO TEMÁTICO: *Estudos Clássicos e Educação*

E-MAIL: jucaes@bol.com.br

RODRIGO ARAÚJO DE LIMA (MESTRE) – MAE USP

ORIENTADOR: Profa. Dra. Maria Cristina Nicolau Kormikiari

O povo do púrpura - Uma revisão sobre a visão grega e romana sobre os fenícios

RESUMO: Essa comunicação tem como intenção revisar as obras clássicas, gregas e romanas, que descrevem os fenícios e os púnicos, a fim de desmistificar, com suporte da Arqueologia, o estereótipo dessa civilização.

Pertencentes à mesma família semítica, o fenício é um termo pelos quais os gregos, desde o período Homérico, denominavam os povos que habitavam Biblos, Arvad, Tiro e Sídon, entre outras cidades-Estado do Levante. Φοίνικες era utilizado para identificar os habitantes enquanto φοινίκη era usado para fazer referência ao território uma vez que essas palavras designavam a cor-púrpura pela qual aquele povo era famoso produtor para seus tecidos.

Uma das teorias sobre o gentílico ‘fenício’ diz respeito aos contatos marítimos entre a Grécia e o Levante durante o período Homérico (séculos XII-VIII a.C.), os gregos provavelmente passaram a usar o termo ‘púrpura’ ou ‘phoínikes’ uma vez que as cidades levantinas produziam tingimentos dessa tonalidade a partir de moluscos.

Por sua vez os romanos distinguiam os fenícios do Oriente como ‘phoenices’, e os fenícios do Ocidente como ‘poeni’, ou seja, os púnicos. Por muitas vezes o uso desses termos foi utilizado de forma pejorativa devido aos diversos conflitos entre, fenícios, púnicos, gregos e romanos.

Ironicamente, os fenícios, inventores do alfabeto, pouco deixaram de obras literárias, o que durante muito tempo foi um argumento utilizado para justificar a falta de erudição e até mesmo interesse dessa população. No entanto, muito se perdeu após as querelas, principalmente contra os romanos nas duas últimas Guerras Púnicas.

Com o fim das guerras, muitos dos livros púnicos foram perdidos e muito da ideia sobre quem era os fenício-púnicos foi reescrita por autores latinos, que satirizaram e diminuíram a identidade desses povos. Entretanto, chegaram até nós algumas obras de outros autores romanos que fazem referência ao vasto conhecimento dos fenício-púnicos em suas obras. Em auxílio, a Arqueologia também tem dando importantes contribuições para um melhor entendimento desses povos.

Debateremos, em nossa apresentação, como os termos utilizados por Grécia e Roma, ao se referirem à esses *outros*, refletem muitas vezes uma visão preconceituosa, fruto dos constantes conflitos com os povos levantinos.

EIXO TEMÁTICO: *Releituras dos Clássicos*

E-MAIL: rodrigo.araujo.lima@usp.br

MESA 8

LUPÉRCIO APARECIDO RIZZO (DOUTORANDO) – EDF FE USP

ORIENTADOR: Prof. Dr. Marcos Sidnei Pagotto-Euzebio

A relevância dos clássicos na formação docente atual: um estudo sobre a argumentação

RESUMO: Esta comunicação se pauta na relação entre as considerações sobre a retórica produzidas na antiguidade e a atuação do professor universitário, uma vez que uma aula é também um discurso.

Os discursos podem ser divididos, no que diz respeito ao seu público, entre aqueles que se dirigem a um auditório universal e aqueles voltados para especialistas.

Considerando a diversidade que marca as Instituições de Ensino Superior, a busca de universalidade no discurso que se dirige aos alunos ganha realce. Programas de incentivo ao estudo, acesso das minorias, liberdade religiosa, sexual, política, novas tecnologias, ingresso de estudantes de terceira idade entre outras colocam para os docentes a necessidade de universalizar seus discursos, mantendo, no entanto, o rigor teórico. Assim, Aristóteles, Cícero e Quintiliano, expoentes no estudo, aperfeiçoamento e sistematização da composição e apresentação de discursos, fundando, entre outras, a tese dos cinco elementos básicos a se considerar na elaboração de discursos "quem diz - o quê - a quem - por que meio - com que efeitos?", permanecem atuais, como indicam os diversos teóricos que se ocupam em tempos atuais da análise da argumentação e do discurso, dentre eles Perelman, Tyteca, Toulmin, Reboul e Scheffler, debruçados sobre a forma como se argumenta em todos os âmbitos da atuação humana e aprofundando análises que tiveram início a mais de dois mil anos.

Dar aula, hoje, exige considerar a complexidade da vida contemporânea, de forma a contemplar as inúmeras compreensões da realidade, o que alcança maior êxito na medida em que o professor enriquece seus meios de expressão. Essa necessidade é visível em diversos cursos que dizem oferecem técnicas acerca de como falar em público, e que, na verdade, revestem de novidade o que já havia sido dito e sistematizado lá atrás. Portanto, no que tange à retórica e a aula atual, é estreita e visível a contribuição daqueles que fundaram a arte da persuasão, objetivo presente em toda e qualquer exposição oral ou escrita.

EIXO TEMÁTICO: *A atualidade do pensamento antigo*

E-MAIL: lupercio.rizzo.lr@gmail.com

LEONARDO PASSINATO E SILVA (DOUTORANDO) – Direito USP

ORIENTADOR: Prof. Dr. Ari Marcelo Solon

Reflexões sobre a recepção do Direito Romano no ensino jurídico contemporâneo

RESUMO: O Direito Romano é usualmente considerado como matriz do Direito brasileiro e de vários outros Estados ocidentais, no âmbito daquilo que constitui, segundo a tipologia do Direito Comparado, o sistema jurídico romano-germânico. Estudado durante a Idade Média como um sistema completo e superior aos ordenamentos jurídicos efetivamente vigentes em cada região, é ensinado aos graduandos dos cursos jurídicos atuais em exposição sistemática, nos moldes do Direito Civil vigente. Nesse contexto, o Direito Romano é apresentado como a fonte originária dos institutos jurídicos estudados e tipificados hodiernamente na disciplina do Direito Civil, bem como do modo de raciocinar tipicamente jurídico. Desse modo, o ensino de Direito Romano valeria concomitantemente como uma abordagem histórica dos institutos jurídicos modernos – especialmente aqueles de natureza contratual e conteúdo econômico – e como um treinamento introdutório em argumentação jurídica. No entanto, a recepção do Direito Romano pelos estudos jurídicos contemporâneos revela-se como uma narrativa inconsistente, ao ignorar o caráter mágico-religioso e assistemático do pensamento e da prática jurídica dos romanos em contraposição à racionalidade econômica e instrumental que permeia o Direito ocidental na atualidade, assumindo o ensino e estudo do Direito Romano uma função ideológica. Ao se tratar do problema em termos de “recepção” – uma figura tomada de empréstimo aos estudos literários – espera-se ressaltar que o acervo cultural produzido pelos juristas romanos não foi recebido passivamente pelos juristas contemporâneos, mas reelaborado por estes, aproveitando-se o Direito antigo naquilo que se coaduna com as necessidades da sociedade moderna.

EIXO TEMÁTICO: *Releituras dos Clássicos*

E-MAIL: passinato@usp.br

NANCY MARIA ANTONIETA BRAGA BOMENTRE (GRADUANDA) – UNIFESP
ORIENTADOR: Prof. Dr. José Geraldo Costa Grillo

Por que ainda o mito?

RESUMO: Devido ao êxito do pensamento racionalista no entendimento filosófico nas questões cosmológicas, o mito foi retirado do lugar central da cultura para ser visto como entretenimento infantil, ainda na Antiguidade. Mas este deslocamento realmente o esvaziou de significado dentro da cultura? O presente texto busca trazer algumas características quanto à estrutura das narrativas mitológicas, compreendendo um arco temporal anterior ao uso da escrita para o registro dos mesmos até ao período de sua reescrita pelos historiadores helênicos. Para tanto, sustentamos as afirmações através dos textos dos estudiosos de mitologia Jean Pierre Vernant e Pierre Grimal. Tem por objetivo verificar a pertinência dos estudos das narrativas mitológicas ainda nos dias de hoje, onde, não obstante, a permanência do mito a um lugar indefinido na cultura, apesar das frequentes adaptações em produções culturais na atualidade, como no cinema e literatura.

EIXO TEMÁTICO: *A atualidade do pensamento antigo*

E-MAIL: na-bomentre@uol.com.br

MESA 9

PROFA. DRA. **MÔNICA COSTA VITORINO** – Letras UFMG

A presença horaciana no poema “A Termindo Sípílio”, de Silva Alvarenga

RESUMO: O trabalho pretende abordar o papel de teórico e crítico literário do poeta Silva Alvarenga, do arcadismo luso-brasileiro, através do confronto das suas posições teóricas com a tradição clássica. Escolheu-se o poema “A Termindo Sípílio Árcade Romano”, primeiro poema publicado pelo poeta em 1772, com o pseudônimo de Alcindo Palmireno, no qual o poeta retoma o mesmo gênero literário utilizado por Horácio, ou seja, a forma de missiva poética, além disso verifica-se o mesmo espírito satírico presente nas epístolas horacianas. O poeta árcade resgata muitos dos princípios da poética clássica adaptando-os ao ambiente literário do seu tempo. A Epístola, ao exaltar as qualidades de *O Uruguai* e tomá-lo como modelo de aplicação dos preceitos que deviam orientar a criação literária, possibilita-nos ter noção das orientações poéticas de Silva Alvarenga, mas, o seu cotejamento com a *Arx* horaciana nos dá uma consciência mais precisa das suas proposições teóricas e dos seus ideais estéticos e, mais além, documenta o debate instaurado entre os poetas e críticos da sua geração. A opção de Silva Alvarenga, não só no texto analisado, pelo discurso metapoético, permite a ele cumprir, exemplificando claramente, as duas funções que atribui à poesia: ao mesmo tempo em que agrada, com imagens bem humoradas que satirizam a literatura da época, ele também ensina, mais que uma preceptiva do fazer poético, a verdadeira função da poesia, que é cont ribuir para a formação moral e intelectual do cidadão.

EIXO TEMÁTICO: *Reléituras dos Clássicos*

E-MAIL: monvit@bol.com.br

MAURICIO MASSAHIRO NISHIHATA (DOUTORANDO) – DLCV FFLCH USP
ORIENTADORA: Profa. Dra. Adma F. Muhana

A Prosopografia na obra de Manuel de Faria e Sousa

RESUMO: Propomos este exposto como uma ocasião para discutir o projeto de doutorado em andamento ‘A Prosopografia na obra de Manuel de Faria e Sousa (1590-1649)’. O corpus selecionado corresponde à cadeia de Prosopografias (ou retrato de pessoa) datadas do século XVII e redigidas pela própria pena do autor português em foco. Trata-se da (1) ‘Fortuna de Manuel de Faria y Sousa’, bem como do poema (2) ‘Patria y Vida del autor’. A par destas obras inclui-se o (3) ‘Retrato de Manuel de Faria y Sousa’, composto por Francisco Moreno Porcel. A nossa linha de partida considera registros de Giovanni Antonio Viperano (1535-1610) a respeito de princípios ordenadores da elaboração de Vidas, fundados sobretudo em interpretações da Retórica e da Poética de Aristóteles. Dentre diversos preceitos dirigidos aos escritores desejosos de experimentar-se na arte, o historiador italiano aconselha que o discurso não seja composto apenas de elogio sobrecarregado, a ponto do construto obliterar dos elementos cabíveis de censura. O preceito referido trata da invenção do caráter da pessoa retratada com chave no critério da ‘verdade’, em contraste com o elemento ficto manifesto no panegírico. Desse modo, a partir do estabelecimento da Vida como pertencente ao gênero histórico, bem como ao epidíctico, o nosso intuito é confrontar a lição de Antonio Viperano com as Prosopografias em mãos, verificando a identidade do ‘Retrato’ como encômio, e a ‘Fortuna’ como pertencente ao gênero Vida e Memória.

EIXO TEMÁTICO: *Releituras dos Clássicos*

E-MAIL: mauricio.nishihata@usp.br

ROBERTA CRIVORNICA (DOUTORANDA) – EDF FE USP
ORIENTADOR: Prof. Dr. José Sérgio Carvalho da Fonseca

O 'Eros' socrático: pensamento e ação em Arendt

RESUMO:

Seria melhor para mim que a minha lira ou um coro que eu dirigisse fossem desafinados ou estridentes com dissonâncias, e que multidões de homens discordassem de mim do que eu, sendo um só, estivesse em desarmonia comigo mesmo e me contradísse” (Sócrates, Górgias, 482 c)

A presente comunicação circunda a compreensão do *eros* socrático e a importância da figura de Sócrates para as considerações morais de Hannah Arendt, a qual o considera como “um exemplo de pensador não profissional que unifica em sua pessoa duas paixões aparentemente contraditórias, a de pensar e a de agir”.

Considerando o pensar e o agir como paixões, podemos afirmar que se encontram como potências em todos os homens, para Arendt o pensar e o estar vivo “são a mesma coisa, e isto implica que o pensamento tem sempre que começar de novo; é uma atividade que acompanha a vida”, e, que o agir, “significa tomar iniciativa, iniciar [...] para que houvesse um início, o homem foi criado”.

Portanto, o que busco compreender é como essas paixões, o pensar e o agir, presentes potencialmente no homem, se correlacionam e quais as implicações morais dessa correlação.

Para tal compreensão tenho como ponto de partida a análise da experiência do julgamento de Sócrates e da consideração de Arendt de que o *eros* socrático é o “amor desejoso da sabedoria, beleza e justiça”, que torna o homem capaz de pensamento de tal maneira que ele seja incapaz de cometer o mal, não entrando em desarmonia consigo mesmo e não se contradizendo. Afinal, para Arendt o que Sócrates queria dizer “é que a convivência com os outros começa pela convivência consigo mesmo. O ensinamento de Sócrates era: somente aquele que sabe conviver consigo mesmo está apto a viver ao lado de outros”, afirmação que nos leva à questão: Com que *outro* queremos viver juntos?

EIXO TEMÁTICO: *A atualidade do pensamento antigo*

E-MAIL: robertavorn@usp.br

MESA 10

JULIANA FIGUEIRA DA HORA (DOUTORANDA) – MAE USP
ORIENTADORA: Profa. Dra. Maria Cristina Nicolau Kormikiari Passos

As identidades fluidas sob o olhar da materialidade – as “colônias” gregas e as suas múltiplas influências

RESUMO: O objetivo desta apresentação é apontar discussões recentes no âmbito da Arqueologia Clássica, no que diz respeito à interpretação dos dados materiais para se chegar à formação de identidades no contexto das colônias gregas arcaicas. A Arqueologia Contextual, base das novas abordagens, traz a necessidade de ressaltar o caráter histórico da própria disciplina e o conhecimento da interpretação sociológica e antropológica.

Os estudos sobre etnicidade na Grécia Antiga vêm sendo reavaliados também na Arqueologia por meio das publicações atualizadas. Jonathan Hall (1997), por exemplo, usa a teoria literária e a abordagem antropológica para problematizar questões étnicas na Grécia. Irad Malkin (2001) por sua vez aborda, entre outros estudos, a etnicidade como parte de uma construção cultural alinhada aos estudos relacionados ao “construtivismo social” em estudos sociais.

Nos estudos arqueológicos, a reflexão acerca das questões referentes à alteridade e ao desenvolvimento das identidades no processo de contato torna-se possível por meio da materialidade e de seus traços. A etnia é um termo que foi popularizado nos estudos antropológicos do mundo anglo-saxão e entrou para o vocabulário da Arqueologia teórica através de Frederick Barth e J. Hall nos anos de 1990. O conceito de etnia, a partir de então renovou o conceito de identidade, induzindo a ideia de escolha e construção ativa de auto-representação (BÉRARD, 2012, p.68-69).

EIXO TEMÁTICO: *A atualidade do pensamento antigo*

E-MAIL: juliusp10@gmail.com

MARIANA EVANGELISTA (MESTRANDA) – EDF FE USP

ORIENTADOR: Prof. Dr. José Sérgio Carvalho da Fonseca

Os professores e os outros

RESUMO: A releitura que será elaborada para a Semana de Estudos Clássicos se baseará nos escritos de Hannah Arendt, sobretudo no livro **Responsabilidade e julgamento** (2003/2004).

Arendt relaciona, a partir do Sócrates platônico, o “respeito por si mesmo”, ao pensar, a partir do que ela compreendeu dos textos de Platão, sobre o ato de pensar e agir. Assim, ela afirma que ‘pensar’ é um modo de ‘falar consigo mesmo’ (ARENDR, 2003/2004, p. 166), um eu dividido em dois. Um eu que é parceiro enquanto se pensa; mas também, sua testemunha, quando se age (ARENDR, 2003/2004, p. 155).

Para ilustrar essa hipótese, excertos do romance **Diário de escola**, de Daniel Pennac, são extraídos para neles se identificar o que os professores fazem na escola.

O exercício docente requer constante diálogo consigo e permanente assunção da responsabilidade que cabe a essa atividade. Logo, um dos temas que será desenvolvido é a “a teoria do dente de engrenagem” hipótese que relaciona o pensar e o discurso de professores que se consideram apenas participantes passivos de um sistema administrativo falido, como se fossem meros “dentes de engrenagem”.

Dessa maneira, o exercício que será feito em “Os professores e seus outros”, capítulo de dissertação, visa refletir sobre alguns clichês comumente propagados por docentes que omitem certo respeito por si mesmo e se deixam levar por uma suposta “maquinária burocrática”, a prática docente na escola (ARENDR, 2003/2004, p. 91).

Na verdade, propõem-se questionar essa visão do que o docente julga que é externo a ele, como se ele estivesse isento desse diálogo consigo mesmo, desse pensar sobre seus atos e palavras. Portanto, deseja-se lançar luz ao diálogo que o professor deve manter consigo mesmo a fim de que possa assumir as responsabilidades que lhe cabem enquanto docente.

Enfim, a partir deste Sócrates arendtiano pretende-se tecer alguns “exercícios de pensamento” a respeito da prática docente.

EIXO TEMÁTICO: *Releituras dos Clássicos*

E-MAIL: mariana.evangelista@usp.br

LEANDRO SANTOS RESENDE (MESTRANDO) – EDA FE USP

ORIENTADOR: Prof. Dr. Rogério de Almeida

Reflexões sobre a alteridade: o ceticismo pirrônico como ferramenta de abertura à perspectiva do outro

RESUMO: Na presente comunicação pretendemos apresentar brevemente uma perspectiva sobre um modo de pensar a alteridade com base no ceticismo antigo, mais propriamente o pirrônico, partindo de uma questão central para a formação de qualquer educador, a saber, a aporia do conhecimento contida no diálogo platônico *Mênnon*. Platão neste diálogo, ao fazer Sócrates responder a Mênnon como o conhecimento é adquirido, propõe uma teoria que explicita o ponto a partir do qual as principais vertentes sobre a epistemologia irão se fundamentar. Sempre procurando responder a dificuldade: como é possível saber que alcançamos o conhecimento de algo se não conhecemos o que procuramos antes de conhecer? Suspendendo o juízo, o cético pirrônico insurge contra as várias tentativas de resposta, duvidando e colocando à prova as várias vertentes e as fazendo entrar em confronto. Deste modo, temos a possibilidade de pensar a alteridade levando em conta as perspectivas epistemológicas e pedagógicas conflitantes. Contudo, tomando por referência a atualidade da questão sobre os diferentes dos pontos de vista sobre a Educação, pretendemos ressaltar que não precisamos nos manter em dúvida a respeito da legitimidade da formação, mas podemos tomar consciência das escolhas teóricas, dos posicionamentos adotados e de suas implicações. Essa é uma grande lição que podemos guardar para o processo de formação, seja de qual área for. O objetivo, por fim, é pensar o ceticismo pirrônico como uma abertura para o conhecimento do ponto de vista do outro, da lógica do discurso do outro. Por outro lado, o ceticismo aparece como uma crítica contra a naturalização dos nossos próprios posicionamentos, uma ferramenta também para a consciência de si.

EIXO TEMÁTICO: *A atualidade do pensamento antigo*

E-MAIL: leandro.resende@usp.br

PROFA. DRA. **ADRIANA DIAS DE OLIVEIRA** – Ciências Sociais PUC-SP*Contribuições dos Clássicos para a compreensão dos desafios educacionais contemporâneos:
o caso da autoridade docente*

RESUMO: A presente comunicação propõe realizar uma rápida incursão da temática da autoridade docente no âmbito das Humanas, principalmente nas Ciências Sociais, História e na Filosofia, afim de discutir as configurações que a autoridade foi obtendo ao longo da história, modificando-se de acordo com o contexto histórico-filosófico em que era empregada. Percebemos, junto com Arendt (2000), que há uma variedade de compreensões sobre o significado da autoridade e a sua relação com o processo educativo, ora tomando contorno explícitos e bem delimitados, ora sendo permeada por manifestações indiretas e sutis.

Isto posto, intencionamos realizar uma revisão bibliográfica, com a intenção de enquadrar teoricamente as contribuições de diferentes autores que procuram aprofundar as questões sobre a autoridade e a sua influência no ambiente escolar, percebendo, desta forma, as continuidades e descontinuidades que a concepção de autoridade nos apresenta nos diversos trajetos históricos analisados até chegarmos a sua apreensão na contemporaneidade, proporcionando, assim, a sua compreensão ao longo do tempo, bem como do nosso próprio tempo.

Deste modo, partindo da concepção que os gregos e romanos tinham sobre a temática, passando por autores pioneiros da Sociologia, Durkheim, Marx e Weber, mas também considerando autores contemporâneos como Arendt e Mafessolli. A intenção é percorrer o deslocamento que a autoridade docente teve na abordagem acadêmica, ora como instrumental e marginal, ora obtendo uma posição central na análise da educação.

Por fim, apresentamos os resultados da pesquisa empírica realizada no doutorado e posteriormente complementada com outras observações e discutimos os dados coletados na tentativa de encontrar brechas que nos ajudem a compreender a complexidade da temática da autoridade e a sua relação com a educação na contemporaneidade.

EIXO TEMÁTICO: *A atualidade do pensamento antigo*

E-MAIL: drica_dias@hotmail.com

ANA PAULA GOMES DO NASCIMENTO (DOUTORANDA) – DLCV FFLCH USP

ORIENTADORA: Profa. Dra. Adma F. Muhana

Projeções da alteridade na “Prosopopeia” de Bento Teixeira

RESUMO: As práticas discursivas tributárias da instituição retórica, e do sistema educacional que dela se origina, sempre têm o **outro** como horizonte. Alves (2001, p. XI) informa que “[...] o centro da atividade retórica é o auditório, cujo conhecimento e satisfação é condição preliminar do sucesso da argumentação”. Inserida nessa instituição, a poesia luso-americana dos séculos XVI e XVII não é diferente quanto a esse aspecto.

Na *Prosopopeia* de Bento Teixeira (15?-ca. 1618) o **outro** aparece ora como o **mesmo**, auditório branco, católico, masculino e letrado para quem se direciona o poema; ora como o **outro a quem se quer dominar**, o habitante da Nova Lusitânia, que precisa ter “a dura cerviz bárbara insolente” amansada; o **outro que se contrapõe à fé e à política econômica ibérica**, o francês huguenote a ser acossado nas possessões brasileiras e o mouro a ser combatido com dom Sebastião em África.

Além dessas tantas dimensões, há ainda aquela do gênero em que o autor se exercita. Misto de gênero épico, seu poema precisa reconhecer os “heroicos feitos dos antigos” e ter força suficiente para elevar os feitos dos Albuquerque até eclipsar “o nome à Romana gente”. Trata-se do **outro** na memória do gênero e do **outro** a quem se emula: Homero, Virgílio, Camões...

Nesse jogo em que tudo são projeções da alteridade constrói-se a *Prosopopeia*, surgida no contexto das navegações e da tomada dos territórios conquistados, quando o europeu precisa encarar o dessemelhante.

Cunha (2009, p. 201) explica que, então, o novo é percebido “nos quadros intelectuais do antigo” e Lévi-Strauss (1955, p. 80) diz que ao “percorrer os espaços virgens” esses navegadores “estavam menos preocupados em descobrir um novo mundo do que em verificar o passado do antigo. Adão, Ulisses lhes foram confirmados”. Dessa forma, Bento Teixeira encontra um elo entre Vulcano/Lêmnio e os “índios”, pois desse deus descenderia “a bárbara progênie e insolência” que o conquistador lusitano ofende em Pernambuco.

EIXO TEMÁTICO: *Releituras dos clássicos*

E-MAIL: apgomes@usp.br

CARLOS EDUARDO DE ARAUJO PLÁCIDO (DOUTORANDO) – DLM FFLCH USP

ORIENTADORA: Profa. Dra. Marília Mendes Ferreira

Pensamento criativo na antiguidade clássica e seus desdobramento na atualidade

RESUMO: Desde sua independência, a partir da Revolução Francesa, a criatividade humana vem recebendo atenção e angariando as mais diversas pesquisas sobre seu processo cognitivo, artístico e educacional (LUMBART, 2007). Entretanto, ser criativo ou discutir sobre a criatividade não é um hábito moderno (MATLIN, 1989). Na verdade, Platão e Aristóteles já analisaram e estabeleceram conceitos-chave acerca do ser criativo e a própria ação de criar na Grécia Antiga (HAYES, 1989). Embora esses autores tenham tido mais pensamentos convergentes do que divergentes sobre esse tema, seus respectivos pensamentos ainda são base para muitas pesquisas acadêmicas da área de Humanidades. Isso porque conceituar o termo *criatividade* não é uma tarefa muito fácil. Ele pode apresentar diferentes definições dependendo do momento histórico o qual decidimos analisar. E, mesmo assim, um mesmo período histórico pode apresentar mais de uma definição ou, mesmo, várias definições, definições essas até de sentido contrário, oposto (POPE, 2005). Por isso, focarei, neste trabalho acadêmico, em apenas dois grandes momentos os quais considero de extrema importância para se compreender um pouco melhor algumas das diversas definições existentes do termo criatividade na Antiguidade: 1) O pensamento platônico e 2) O pensamento aristotélico. Para isso acontecer, primeiramente, traçarei comparações analíticas entre as principais reflexões platônicas sobre o ser criativo e o tema criatividade, tais como divindade, demiurgia, musa e compartimentos criativos e conceitos fundamentais do pensamento aristotélico como, por exemplo, o seu conceito de mimesis, artesão e de esforço artístico a fim de poder confrontar mais minuciosamente as ideias desses grandes filósofos da antiguidade grega. Tendo feito isso, passarei para a segunda parte deste trabalho acadêmico, que é exatamente a parte a qual considero de relevante contribuição para a academia, a defesa da asserção de que seja possível transcolar esses conceitos de extrema importância para se compreender a criação artística na Grécia Antiga para o nosso tempo e analisar como tais conceitos estão sendo revisitados e/ou ainda apoiados diretamente na área da educação de língua estrangeira e de psicologia cognitivista.

EIXO TEMÁTICO: *A atualidade do pensamento antigo*

E-MAIL: ceplacido@gmail.com

LUIZ ANTONIO CALLEGARI COPPI (MESTRANDO) – EDA FE USP

ORIENTADOR: Prof. Dr. Rogério de Almeida

O ridículo que habita em mim habita também no outro: riamos, enfim!

RESUMO: O Demócrito risonho que nos descreve Hipócrates é louco em Abdera. O que motivaria tanto riso, afinal, do velho filósofo? Só a insanidade ou a estupidez seriam explicações, afirmam seus concidadãos. A razão, no entanto, é de outra ordem – a sabedoria e a sensatez do velho abderita não se opõem a seu riso ininterrupto. Demócrito, no ápice de seu refletir, teria visto o quão ridícula é a condição do homem, este amontoado de átomos em meio ao nada que insiste em fixar o que existe e se move à sua revelia. Ainda que, em realidade, nada sabemos sobre nada, não nos damos conta de “que nada de preciso aprendemos, mas em mudança, segundo a disposição do corpo e das coisas que nele penetram e chocam”, como cita, de Demócrito, Sexto Empírico. Aferrada às suas convicções, às suas convenções, a humanidade padece por não enxergá-las como tais, por vê-las como desígnios do Absoluto. Ao fazê-lo, dá-se demasiada importância, concebe-se com demasiada seriedade, mobiliza-se em torno de opiniões como se o fizesse em torno do próprio Deus e, como tal, passa a julgar e a destruir aqueles cujos deuses são outros. Diante desse jogo de crianças que se esqueceu de que o é, resta ao sábio de Abdera apenas o a pecha de louco. Rir, em vez de brigar para provar-se são, todavia, indica que, de certo modo, o ridículo que habita o outro também é percebido pelo filósofo como instalado em si mesmo. Somos todos, afinal, átomos e vazios. Percebendo-o, Demócrito não se dá grandes ares, desmobiliza-se, e ri. Mais de dois mil anos depois de sua morte, em tempos de engajamentos cada vez mais raivosos, de ódios exacerbados contra tudo aquilo que, para além das partículas indivisíveis flutuando no nada, convencionou-se como diferente, talvez ainda seja muito importante ouvir o riso democritiano. Compreender seu poder desmobilizador, parece-nos, é peça-chave para a empatia e o redimensionamento da relação com o outro – e é em torno de tentar compreendê-lo que orbita esta fala.

EIXO TEMÁTICO: *A atualidade do pensamento antigo*

E-MAIL: laccoppi@hotmail.com

BÁRBARA DA COSTA E SILVA (DOUTORANDA) – DLCV FFLCH USP
ORIENTADOR: Prof. Dr. José Marcos de Macedo

Entre comédia e retórica escolar: o velho avarento nas declamações de Libânio e de Corício

RESUMO: Nesta comunicação, pretendo esmiuçar a questão da recepção de textos cômicos, particularmente os dramas menandreanos, em textos escolares do império tardio. Sendo assim, início a discussão a partir da caracterização da personagem do velho avarento em duas declamações gregas, quais sejam a *Decl. 33* de Libânio de Antioquia (séc. IV d.C.) e a *Decl. 6* de Corício de Gaza (séc. VI d.C.), focando em pontos específicos, tais como o uso de expressões linguísticas e recorrência de traços comportamentais. Com efeito, a caracterização dessa personagem em textos escolares se mostrará bastante influenciada pela comédia nova e pelos modos pelos quais o velho avarento é retratado em tais dramas, sobretudo em peças como *Epitrepontes*, *Aspis* e *Dyskolos*. Parece haver suficiente evidência para comprovar que os textos de Menandro circulavam pelas mãos dos jovens estudantes desde a tenra idade; a partir de máxima menandreanas, os jovens eram alfabetizados e educados em grego ático já na escola do gramático. Depois, o estudo aprofundado de algumas passagens das comédias de Menandro se mostrou proveitoso ao estudante do rétor, como afirma Quintiliano. A questão que busco responder é: por quê? Primeiramente, os professores pareciam reconhecer que o humor e a sagaz inteligência do comediógrafo agradavam aos alunos; além disso, o grego sintaticamente simples de Menandro também deveria ser mais atrativo ao jovem que estava muito longe de falar o grego clássico em seu cotidiano. Deste modo, Menandro talvez oferecesse oportunidade tanto para o divertimento quanto para a instrução.

EIXO TEMÁTICO: *Estudos Clássicos e Educação*

E-MAIL: barbaradacostaesilva@gmail.com

GABRIEL ROSSI (MESTRANDO) – DLCV FFLCH USP
ORIENTADOR: Prof. Dr. José Eduardo dos Santos Lohner

Terêncio, 'dimidiante Menander': simples comediógrafo ou grande 'poeta'?

RESUMO: Ao falarmos de Terêncio, alguns pensam num sectário tentando manter a qualidade da comédia *palliata* cultivada por Plauto. Poucos se detêm nas asserções de seus prólogos, semelhantes a epílogos, apólogos em sua essência, sobretudo no primeiro deles, na peça *Andria*, cuja primeira palavra que o designa é poeta: seu ofício, por conseguinte, escrever comédias (*animum ad scribendum*). O acento se desloca da prática teatral à criação textual, resultando num diálogo intertextual com obras dramáticas (ou não) greco-latinas, semelhante às obras helenísticas, cujo maior expoente é Calímaco. Lemos também que sua situação é diferente (*aliter aevenire*), tamanha: necessitaria ele criar uma defesa programática de seu método, caso emulasse a tal negligência dos antecessores (*aemulari exoptat neglegentiam*) e cunhar um termo, *contaminatio*, designando o procedimento de que se valeriam?

Ao converter elementos condenáveis em atributos de seu procedimento poético, Terêncio lançaria mão de recursos retóricos para criar prólogos e peças com mecanismos, como o metateatro, que passaram despercebidos durante séculos, ou acrisolaria elementos de gêneros distintos e os atenuaria por meio de uma serenidade cômica própria de um poeta gracioso, segundo comentário Donato à peça Phormio (*graviatatem poeta lepidus comica serenitate tranquillet*)? Decerto, parece mais adequado interpretar o epíteto *dimidiante Menander* como, qual um equivalente, o Menandro latino, e se César pensava faltar-lhe efusão-intensidade (*uis*), talvez, tenha sido embaído, seja pelo caráter retórico do *sermo* terenciano, seja por sua *comica serenitate*. Terêncio, de fato, menciona os auctores da tradição dentre os quais pretende figurar, porém, não parece desarrazoado dizer que sua *contaminatio-polyeideia* (uma mescla adequada, não uma mixórdia), parece remeter à imagem calimaquiiana: as abelhas transportam água (*ὕδωρ φορέουσι μέλισσαι*) de uma fonte imaculada que a jorra pura (*ἥτις καθαρὴ τε καὶ ἀχράαντος ἀνέρπει πίδακος*).

EIXO TEMÁTICO: *Estudos Clássicos e Educação*

E-MAIL: shinchaos@usp.br

PAULO CÉSAR DE BRITO TELES JÚNIOR (MESTRANDO) – UFMG
ORIENTADOR: Prof. Dr. Jacyntho Lins Brandão

Eurípides: tragediógrafo e educador

RESUMO: A perspectiva assumida neste trabalho consiste em verificar a produção trágica de Eurípides a partir de sua contribuição à formação do homem grego, no sentido de traçar uma possível proposta pedagógica. No contexto de suas peças, as personagens puderam assumir determinados aspectos que legaram ao homem da pólis um outro olhar para o conceito de justiça: o que então tocava a esfera divina passou para o plano humano e alcançou novas abordagens. Sabemos que, neste período, o regime democrático estabelecido em Atenas havia iniciado uma nova fase na história da Grécia Antiga. No entanto, isto não significou tão somente uma mudança de sistema político, mas uma profunda transformação no âmbito das relações sociais, políticas e culturais. Dessa forma, questionamentos a respeito da moral e da virtude foram incitados em decorrência do gradativo declínio da compreensão mítico-religiosa do mundo homérico. Este espírito democrático construiu um terreno fértil para que a tragédia euripídiana pudesse cumprir o seu compromisso poético-educativo de advertir os homens acerca dos problemas da vida na pólis. Eurípides atravessou um momento em que as tradições foram questionadas a favor de uma racionalidade acessível, de tendência propriamente discursiva. Recorreremos, portanto, às peças *Ifigênia em Áulis* e *As Fenícias* para analisar como o poeta põe em cheque os motivos que impulsionam as ações humanas, ao mesmo tempo em que expõe as fraquezas e a mediocridade do homem, preso a condutas que o levam a ir de encontro a um paradigma heroico.

EIXO TEMÁTICO: *Estudos Clássicos e Educação*

E-MAIL: pcbtjr@hotmail.com

MESA 13

BRUNO DRUMOND MELLO SILVA (DOUTORANDO) – EDF FE USP

ORIENTADOR: Prof. Dr. Marcos Sidnei Pagotto-Euzebio

Aristóteles e Platão - sobre as mulheres

RESUMO: Se podemos afirmar que a evolução biológica dos seres vivos corresponde, de certo modo, a uma ideia geral de progresso, o mesmo não pode ser dito do desenvolvimento moral, nem dos indivíduos, nem das sociedades, nem da humanidade como espécie. A História registra períodos de avanços incríveis no modo como nos relacionamos uns com os outros, ao lado de períodos de ignorância, intolerância, repressão e violência, que põem em xeque a ideia de uma curva ascendente da evolução moral. Um olhar panorâmico sobre os grandes eventos do século XX já seria suficiente para sustentar tal ponto de vista, mas desde a Antiguidade dispomos de exemplos valiosos de como a reflexão acerca dos valores basilares de nossa sociedade sofreram avanços e reveses, sendo um dos mais simbólicos a diferença entre Aristóteles e Platão acerca da constituição natural e do papel social da mulher.

Assim, o objetivo da presente comunicação consiste em expor a visão de ambos os filósofos sobre as mulheres, a educação que devem receber no contexto da *pólis*, o papel que devem assumir no âmbito público e no âmbito privado, bem como as razões subjacentes a suas afirmações, procurando demonstrar em que medida Platão pode ser considerado um pensador revolucionário, e seu discípulo, Aristóteles, uma voz a sustentar o discurso tradicional de sujeição do feminino ao masculino. Serão cotejadas na comunicação passagens da *República* e das *Leis*, de Platão, e da *Ética a Nicômaco*, da *Política*, do *Econômico* e da *História dos Animais*.

EIXO TEMÁTICO: *Estudos Clássicos e Educação*

E-MAIL: drumondms@usp.br

LEONARDO DIAS AVANÇO (DOUTORANDO) – UNESP Presidente Prudente

ORIENTADOR: Prof. Dr. José Milton de Lima

As relações entre 'paidia' e 'paidéia' em Platão: comparação entre as interpretações de Werner Wilhelm Jaeger e Johan Huizinga

RESUMO: A presente comunicação consiste em uma reflexão filosófica comparativa entre duas interpretações de importantes pensadores do século XX: por um lado, a do filólogo e helenista alemão Werner Wilhelm Jaeger, tendo-se em vista a sua obra *Paideia: Die Formung des griechischen Menschen*, editada pela primeira vez em 1936; por outro, a do historiador neerlandês Johan Huizinga, focando o seu estudo *Homo Ludens: Versuch einer Bestimmung des Spielelement der Kultur*, escrito em 1938. Trata-se, mais especificamente, de cotejar os diferentes modos como esses pensadores interpretaram a concepção platônica das inter-relações entre jogo e cultura/educação, isto é, entre *paidia* e *paidéia*. O cotejamento que aqui se propõe tem um sentido orientado pelas seguintes indagações: coincidiria a dialética platônica com mero jogo - isto é, *paidia* -, tal como o próprio Platão parece sugerir em diversas passagens de seus *Diálogos*? Seria a dialética algo mais que jogo, consistindo mais bem em uma atividade altamente séria - uma etapa superior da *paidéia* -, a qual funcionaria como o veículo

da cultura dos filósofos-reis? Os sentidos de *paídia* e de *paideia* atribuídos à dialética platônica complementam-se, excluem-se ou sobrepõem-se? As respostas a essas questões, em suas similaridades e diferenças quando se comparam as posições de Werner Wilhelm Jaeger e Johan Huizinga, sinalizam modos como se podem encarar os *Diálogos* de Platão e suas relações com as atividades desenvolvidas na Academia. Por essa razão, a análise que se propõe no presente trabalho tem não apenas uma importância teórica e filosófica para o campo de estudos da educação, mas encerra também um interesse metodológico, uma vez que deve apontar instâncias hermenêuticas de caracterização da obra platônica que influem direta e indiretamente na captação de seus múltiplos e fecundos sentidos.

EIXO TEMÁTICO: *Releituras dos clássicos*

E-MAIL: ldavanco87@gmail.com

GEORGE MATIAS DE ALMEIDA JÚNIOR (DOUTORANDO) – UFMG

ORIENTADOR: Prof. Dr. Marcelo P. Marques

‘Atopía’ e mundos (im)possíveis: do não-lugar da filosofia na ‘pólis’ ao seu lugar no cosmos

RESUMO: Nesta comunicação apresentamos uma transição entre nossa pesquisa de mestrado, que tratou da *atopía* enquanto o lugar político do filósofo, em especial no *Górgias*, e o início de nossa pesquisa de doutorado, em que procuramos criticar a denominada “teoria dos dois mundos” atribuída a Platão. Partimos do tema da *atopía*, a estranheza e o deslocamento da vida filosófica na *pólis*, explorando o tema da singularidade da personalidade de Sócrates e da própria prática filosófica aos olhos de Platão com relação à vida do indivíduo em sua inserção e convivência com os outros na cidade. Uma consideração sobre o Sócrates (e o filósofo) *átomos* dos diálogos reflete, além de seu lugar na *pólis*, o seu próprio *tópos* no *kósmos*. Dessa maneira, apresentamos os primeiros passos de uma investigação sobre as noções/conceitos de “espaço/lugar” (*khára/tópos/en hā(i)*, etc) e de “mundo” (*kósmos/oikouménē/ouranós*, etc.) a partir de trechos das obras *Fédon*, *República* e *Timeu*, além do *Górgias*. Por esse enfoque, dirigimo-nos à questão da teoria dos dois mundos atribuída a Platão de uma maneira diferente da usual, posto que normalmente a teoria dos dois mundos assume a forma de uma leitura da teoria das ideias ou formas inteligíveis. Passando ao largo da história, das origens, dos significados, dos pressupostos e das implicações da denominada teoria dos dois mundos, procuramos mostrar como um certo entendimento da *atopía* pode convir a uma resposta crítica à T2M, considerando-se que o não lugar assumido pelo filósofo, para além de uma negação simples, remete a uma alteridade fundamental e a uma situação de deslocamento entre o *tópos boratós* e o *tópos noetós*, bem entendido, entre os lugares visíveis/sensíveis e invisíveis/inteligíveis de uma realidade fundamentalmente una (na diferença), e não entre dois *kósmoi* opostos, um mundo inteligível e outro sensível, o que, apesar das interpretações mais consolidadas, é uma concepção estranha à filosofia platônica, como procuraremos mostrar.

EIXO TEMÁTICO: *Estudos Clássicos e Educação*

E-MAIL: georgemalmeida@hotmail.com

MESA 14

EDSON DA SILVA AFONSO (MESTRANDO) – EDF FE USP

ORIENTADOR: Prof. Dr. Marcos Sidnei Pagotto-Euzebio

Educação e cuidado-da-alma no diálogo platônico “Primeiro Alcibiades”

RESUMO: No *Primeiro Alcibiades*, Sócrates diz que o “conhecimento de si” (*gnóthi seautón*) corresponde à sabedoria. Tal definição é familiar aos leitores de Platão, podemos encontrá-la em vários de seus diálogos, sendo que, em alguns deles, o “conhecimento de si” é entendido como condição imprescindível para o engajamento na vida pública. Esse conhecimento está intimamente ligado ao discernimento do bem e do mal, e pode ser entendido como uma das condições para o “cuidado-da-alma” (*epiméleia beaúton*). Essa ideia está presente também no *Laques* e no *Cármides*, visto que, nesses diálogos, a *epiméleia* consiste no cuidado que o jovem deve ter com relação à sua educação. O *gnóthi seautón*, na filosofia platônica, diz respeito a um processo de formação. Neste trabalho, trataremos de tal processo a partir da relação entre as noções de “cuidado-da-alma” e “conhecimento de si”. Platão entende que não cabe aos mestres de virtude ou aos dirigentes políticos o papel formativo. Nem mesmo os retóricos, os parentes, o oráculo, os pedagogos competentes podem ensinar aos jovens o que eles realmente são. Se um governo de si é possível, o jovem deve ser o sujeito. A virtude não é aprendida da mesma maneira que se dá a transmissão de um conteúdo pedagógico. Ela só pode ser alcançada de outro modo: a partir de um exercício de si sobre si mesmo. Dessa maneira, a verdadeira função do mestre de virtude, função de Sócrates nos diálogos

platônicos, não é a transmissão de um saber, e sim convencer cada um a cuidar da virtude, a aperfeiçoar-se. Entendemos que, no *Primeiro Alcibiades*, a educação resulta da nova disposição alcançada pelo interlocutor por intermédio de Sócrates.

EIXO TEMÁTICO: *Estudos Clássicos e Educação*

E-MAIL: edsonafonso@usp.br

CARLOS EDUARDO CASTANHA (MESTRANDO) – EDF FE USP

ORIENTADOR: Prof. Dr. Marcos Sidnei Pagotto-Euzebio

A Filosofia como modo de vida em Pierre Hadot

RESUMO: Para pensar o conceito de *cuidado de si*, Michel Foucault foi fortemente influenciado pelas pesquisas do historiador Pierre Hadot. Em seu *O que é a Filosofia Antiga?*, a tese central de Hadot é a de que, para entrar em contato com a verdade ou com o conhecimento, há que se realizar uma conversão espiritual. Tal conversão era, no fundo, o centro organizador de toda a filosofia antiga desde Platão até o helenismo tardio: a filosofia como modo de vida. Essas afirmações constituem um duro golpe na concepção comum de que o conhecimento filosófico é fundamentalmente de origem racional ou meramente discursiva (*logos*), mas pressupõe uma ação na vida (*ergon*).

A filosofia antiga é, para Hadot, antes uma *prática*, um exercício de vida, do que um ato reflexivo abstrato. Esse era o sentido dos exercícios espirituais no seio das escolas filosóficas, principalmente do período helenístico. Os exercícios espirituais são as práticas deliberadas e individuais destinadas a realizar uma transformação do eu. Constituem o núcleo fundamental do cuidado de si. Apresentam-se em formatos diversos dependendo da tradição, escola ou mestre que os institui. Contudo, invariavelmente, consistem em práticas que têm como finalidade um maior poder sobre si mesmo, tornando o praticante cada vez mais autônomo em relação à vida que conduz. É o ato da auto-condução da vida em oposição à uma submissão cega às intempéries. Nessa comunicação pretendemos discutir alguns aspectos dos conceitos de cuidado de si e exercícios espirituais na obra de Pierre Hadot.

EIXO TEMÁTICO: *Releituras dos clássicos*

E-MAIL: carloscastanha23@gmail.com

DANILO ULHANO PATUTTI (GRADUANDO) - Filosofia FFLCH USP

ORIENTADOR: Prof. Dr. Osvaldo Pessoa Jr.

Considerações sobre a educação filosófica em Epicteto

RESUMO: Segundo Epicteto, a filosofia é o ensino da “arte do viver”, do modo como o ser humano pode se relacionar simultaneamente e harmonicamente com as suas manifestações interiores (como as paixões, os pensamentos, os impulsos e os desejos) e com as manifestações exteriores (como os fenômenos naturais e os eventos sociais). Para alcançar esse estado de harmonia é necessário aprender a viver segundo a Natureza, pois ela fornece os verdadeiros valores que devem ser cultivados. Eles são distinguidos dos falsos valores pela investigação a respeito das coisas que dependem de nós e das coisas que não dependem de nós, porque os estoicos concebem que somente tem valor as coisas que dependem da vontade humana. Portanto, o objetivo da vida humana é alcançar as coisas que dependem unicamente da vontade individual, a saber, o viver segundo a Natureza, ou que é o mesmo, virtuosamente.

EIXO TEMÁTICO: *Estudos Clássicos e Educação*

E-MAIL: daniло.patutti@usp.br